



DOI: 10.20911/25260782v11n2p142/2026

Oz Guarani: O rap Como Caminho de Reafirmação de Identidade dos Jovens Indígenas Guarani Mbya no Pico do Jaraguá-SP

Robson da Silva Oliveira¹

RESUMO: Este estudo investiga a resistência dos jovens Guarani Mbya no Pico do Jaraguá, em São Paulo, focando no Rap como ferramenta de reafirmação identitária. Através das letras e vivências do grupo Oz Guaranis, a pesquisa joga luz sobre o protagonismo indígena urbano, tema ainda escasso na academia. Ao analisar esses discursos, o trabalho mostra como a música serve para denunciar injustiças e dar visibilidade às pautas territoriais. Conclui-se que o Rap é, acima de tudo, um caminho potente de sobrevivência cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes. Indígena. Resistência. Rap. Indígena

ABSTRACT: This study investigates the resistance of Guarani Mbya youth at Pico do Jaraguá, São Paulo, focusing on Rap as a tool for identity reaffirmation. Through the lyrics and lived experiences of the group Oz Guaranis, the research highlights urban indigenous protagonism, a theme still scarce in academia. By analyzing these discourses, the work shows how music serves to denounce injustices and provide visibility to territorial struggles. It concludes that Rap is, above all, a powerful path for cultural survival.

KEYWORDS: Youth. Indigenous. Resistance. Rap. Urban Context.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho quer trazer uma reflexão sobre a resistência e a afirmação da identidade indígena provocadas pelo grupo de Rap Oz Guarani, composto por 2 jovens indígenas residentes na Terra Indígena Guarani Mbya na cidade de São Paulo, Jeferson Xondaro e Mirindjú Mano Glowens. O objetivo principal deste trabalho é refletir como a música promovida por jovens indígenas é uma forma de resistência, formadora de identidade e afirmação cultural.

De acordo com os dados do IBGE no seu último Censo Demográfico em 2022, o Estado de São Paulo conta com uma população de 55.295 mil pessoas autodeclaradas indígenas,

¹ Graduado em História (UNIVAP), Mestre em Planejamento Urbano e Regional, Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), Pós-Graduando em Juventude no Mundo Contemporâneo, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). robs_pjsjc@hotmail.com.

distribuídas em suas cidades (IBGE,2023). Na cidade de São Paulo, também segundo o Censo Demográfico de 2022, temos mais de 19,777 mil indígenas de mais de 52 etnias habitando a Grande São Paulo, tornando a cidade o 4º município em população autodeclarada indígena (IBGE, 2023). Confirma Lourenção, Silva e Guiral em seu artigo “A São Paulo Indígena”:

No quadro nacional, São Paulo é o quarto município em população autodeclarada indígena. Com relação ao quesito de indígenas vivendo em meio urbano, a cidade de São Paulo ocupa o primeiro lugar no país. (LOURENÇÃO, SILVA, GUIRAL, 2013:86).

Temos então dois tipos de situação em relação a estes povos indígenas: oito aldeias Guaranis localizadas na zona sul (TI Tenondé Porã) e seis aldeias Guaranis localizadas na zona noroeste (TI Jaraguá) da cidade de São Paulo. E uma grande população indígena distribuída por diversos bairros da Grande São Paulo, constituída por famílias que migraram de suas terras de origem de várias regiões dos pais.²

Neste sentido, faremos uma reflexão do rap indígena de um grupo residente no território indígena Guarani na cidade de São Paulo, precisamente na Região Noroeste, a Terra Indígena (TI) Jaguará. Os Guaranis foram um povo de grande expressão populacional no Brasil. Segundo John Manuel Monteiro (1998: 476-477), a presença Guarani no Século XVI abrangia uma área que hoje corresponde aos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul.

Atualmente são 12 *tekoa*³, que formam as duas Terras indígenas em processo de demarcação: a TI Jaraguá e a TI Tenondé Porã. A Terra Indígena Jaraguá está localizada na região noroeste da metrópole paulistana, nos municípios de São Paulo, engloba a *Tekoa Ytu*, o *Tekoa Pyau*, *Tekoa Itakupe*, *Tekoa Yvy Porã*, *Ita Endy* e *Iva Vera*. A TI é composta por cerca de 250 casas de pau a pique e cimento e é considerada a menor terra indígena do Brasil com 1,7 hectares (FARIA, 2015, p. 21). Fora as áreas demarcadas surgiram outras áreas fruto de retomadas que são a *Tekoa Yvy Porã*, *Ita Endy* e *Iva Vera*, áreas não demarcadas.

Para Lefebvre (1991), a cidade resulta de uma produção social e tem seus espaços e benefícios produzidos e apropriados de forma desigual e excludente. Nesse sentido, para os indígenas em contexto urbano, a cidade lhes impõe uma forma de apropriação socioespacial desigual e a negação dos seus direitos de povos indígenas, além da negação dos próprios direitos à cidade, à identidade e cultura (LOURENÇÃO, SILVA, GUIRAL, 2013, p. 94).

Durante séculos os povos indígenas vêm usando a produção artística e cultural como uma ferramenta capaz de fortalecer laços culturais e identitários e de conscientizar a população

2 Disponível em: <<http://cpisp.org.br/indios/html/texto.aspx?ID=207>> acessado em 18/12/2016.

3 O termo *tekoa* tem um sentido polissêmico ligado a terra, à natureza e às relações sociais, políticas e religiosas pelos grupos Guarani. Abarca a noção de local onde se realiza o modo de ser. Pode ser definido como local onde se realizam as relações sociais entre as famílias extensas (TROQUEZ, 2006, p. 32).

através de suas manifestações, denunciando e mostrando os verdadeiros sentidos e objetivos das ações das classes dominantes dentro do sistema capitalista e neoliberal.

O rap, por sua vez, é a expressão que mais difundiu esse movimento de resistência, inclusive na mídia. Este estilo musical destaca os preconceitos raciais e sociais, a pobreza e a violência, presentes no cotidiano das comunidades negras e constituem uma manifestação contemporânea fundamental do cenário cultural brasileiro. Na construção do estilo rap podemos observar sobretudo uma história de exclusão, de violência, mas também de riqueza cultural e de resistência. Desde seu surgimento no Brasil na década de 1980, o rap, por meio de suas letras, manifesta um evidente engajamento às problemáticas sociais e históricas de nosso País. Marcado, inicialmente, por uma linguagem fora dos padrões acadêmicos e da norma culta da língua, foi responsável por trazer à tona a dura realidade da periferia, dos morros e das quebradas, evidenciando os dilemas dos sujeitos e coletivos que os ocupam e buscando a construção de uma consciência crítica por meio da produção de um estilo próprio.

Já o rap indígena, Walter Benjamin (1987) nos ajuda a refletir que o processo narrativo faz com que a manifestação cultural se apresente como uma ação social, sendo assim o rap indígena enquanto manifestação cultural e social mostra um hibridismo linguístico, permitindo que tanto os indígenas quanto as pessoas não indígenas compreendam as condições sociais, de existência e resistência do povo. O rap indígena, carregado de um poder simbólico, gera processos de autoafirmação e constrói caminhos para que outras gerações se empoderem, gerando relações de forças que mobilizam o protagonismo para que os mais jovens também se organizem para as lutas e as resistências cotidianas em seus territórios, além de dar visibilidade às pautas e lutas dos povos indígenas (FERNANDES, 2018).

É diante dessas afirmações que este trabalho se torna importante, evidenciando o sujeito jovem como protagonista e formador de uma cultura da resistência e gerador de processos que possibilitam o fortalecimento da identidade e cultura dos povos indígenas.

1 METODOLOGIA

Este artigo será articulado pelo método de pesquisa exploratório, amparado por uma revisão bibliográfica e juntamente com uma análise discursiva das músicas do grupo Oz Guarani, com base em depoimentos já publicados

Os movimentos concretos de uma pesquisa exploratória necessitam ser pensados em seus fundamentos, objetos, desempenho e estratégias de modo flexível e aberto para acolher as necessidades e tudo aquilo que é requerido durante o processo de pesquisa em construção. Deve estar aberto ao movimento de se refazer e andar nas perspectivas que se abrem e se redesenham diante de novas focalizações, obstáculos e de tudo que se apresenta no caminho da exploração.

Como prática metodológica a pesquisa exploratória implica em aproximações empíricas ao fenômeno ou objeto a ser estudado e investigado para perceber seus contornos, nuances

e singularidades, explorando aspectos que interessem e sejam relevantes à problemática em construção.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ser jovem indígena

A juventude é considerada uma categoria social, cultural e historicamente construída, composta por sujeitos que vivem diferentes situações juvenis (GROPPO, 2000; ABRAMO, 2005; NOVAES, 2007). De forma muito concreta, “juventude” é aquela ou aquele com idade entre 15 e 29 anos. E essa é considerada a fase no ciclo de vida na qual se concentram os maiores problemas e desafios, mas também de maior vigor, generosidade, sensibilidade, potencial criativo, dinamidade e aptidão para o engajamento. Essa fase da vida também é marcada pela necessidade de afirmação de direitos, definição de identidades, inserção social e processos de desenvolvimento, falar de juventudes exige noções de espaço e tempo. Exige um olhar para as múltiplas dimensões em que estão inseridas, para a pluralidade e diversidade de expressões e realidades.

O caminho das juventudes indígenas está permeado por todos esses processos de construção de suas identidades enquanto jovens e a reafirmação de suas culturas. Os jovens indígenas urbanos organizam-se de diversas formas. São jovens nascidos nas cidades, na sua grande maioria nas periferias ou são migrantes recentes. São estudantes, trabalhadores ou estudante-trabalhador, compartilhando culturas e estilos de vida no mundo urbano. Em entrevista ao Portal Desacato⁴, Jeferson Xondaro Rose, membro do Oz Guarani define o ser jovem Guarani Mbyá dizendo que *“O jovem indígena é considerado adulto a partir dos 16 anos, o jovem da aldeia é sempre considerado independente a partir dos 16 anos”*.

Em uma entrevista concedida para o Lais Fernandes (2019), Jeferson Xondaro afirma que o Rap do Oz Guarani tem a missão de falar do cotidiano do jovem da aldeia, trazendo o que vivem, o que passam pois:

“...a gente não vê na televisão, a mídia mostrando jovens, é Guarani Kaiwoa de Mato Grosso do Sul sendo mortos por fazendeiros. Eles não mostram a invasão dos fazendeiros nas aldeias não mostra o conflito né? Então algumas partes das nossas letra é bem pesada que fala exatamente isso. Então a gente usa a língua portuguesa pra mandar essa mensagem pra população não indígena. E tem grande parte que a gente faz em guarani, e que é mais pros jovens, que é mais pras mulheres, e pras pessoas mais antigas né? A gente é, tenta, de alguma forma, levantar a pessoa que tá triste. E a pessoa, muitos dos jovens já tiveram depressão nas aldeias, não só aqui como em toda, toda aldeia né então eu também já tive, já passei por isso, então eu consegui vencer isso (FERNANDES, 2018, p.20).

4 Entrevista concedida ao Portal Desacato no dia 11 de agosto de 2019 : <https://www.youtube.com/watch?v=pL9WsbCBFNI>. Acessado em 20/11/2023.

Vale ressaltar que a fala de Jeferson Xondaro traz uma questão muito presente na vida dos jovens indígenas. A alta taxa de suicídio entre jovens indígenas é três vezes maior do que a média nacional⁵. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) revelam que entre os principais motivos dessas taxas estão os conflitos nas demarcações de terra, o preconceito e a interculturalidade.

Outro elemento importante a se considerar dos jovens indígenas é a facilidade de serem um elo de conexão entre a aldeia e os não indígenas. Com facilidade assimilam e operam equipamentos e ferramentas que permitem serem produtores e divulgadores de sua própria cultura, a partir de um olhar étnico que mostra denuncia e traz para a pauta as demandas, dificuldades, resistências e conquistas do território indígena como explicitado na fala de MC Jeferson Xondaro:

O nosso objetivo no hip-hop é fortalecer as lideranças, fortalecer os demais e não deixar que nossa cultura morra né. A nossa missão como indígena é cuidar mais assim da natureza, a gente sabe que o indígena vem disso, vem da terra. A gente exige do governador que ele reconheça a nossas terras tradicionais, a gente tem muitas lideranças de outras aldeias que estão somando com a gente. Hoje em dia temos o grupo de mulheres, o grupo de jovens que se organizam aqui dentro da aldeia, tanto para sair as ruas, tanto para fazer atos, a gente sempre, o lugar mais sagrado pra gente é o *opy*, a gente tira a sabedora, a força tudo de lá [...]. É muito difícil a mídia mostrar o que a gente passa o dia a dia, então no Rap achamos a forma de representar nosso povo e valorizar nossa cultura, nossa língua. (Depoimento dado para o Portal Desacato, em 11 de agosto de 2019)

Os jovens indígenas assumem protagonismo em lutas distintas, buscando conexões com seus modos próprios de vida, como o debate antirracista, as demandas LGBTQIAPN+ e pelo direito de existirem em suas identidades e territórios, usufruindo das conquistas tecnológicas da humanidade. Por eles são criados inúmeros caminhos de resistência, articulando diversas estratégias, entre elas o Rap, como veremos a seguir.

3 OZ GUARANI: O RAP COMO CAMINHO DE RESISTÊNCIA E REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DA JUVENTUDE GUARANI MYBIA

A resistência não é cristalizada, ela é cotidiana, e como nos diz Scott (2004), se apresenta de várias formas, não necessariamente por meio de lutas, confrontos diretos, rebeliões ou revoltas, mas naquilo em que consiste e persiste o fundamento da existência Guarani, pautando sua

5 Taxa de suicídio entre jovens indígenas é três vezes superior a média do país. <https://www.brasildefato.com.br/2018/09/24/taxa-de-suicidios-entre-indigenas-e-tres-vezes-superior-a-media-do-pais>. Acessado em 20/11/2023

lógica de ocupação, de articulação, de manifestação cultural dentro e fora do seu território, que revela assim a negação da lógica capitalista. (FARIA, 2015).

Existem diversas formas de resistência, e várias delas são praticadas por grupos sociais que estão subalternizados, ou sob constantes ameaças e conflitos e que de certa forma envolvem táticas e estratégias (CERTEAU, 2014) que são territoriais, culturais, artísticas, de enfrentamos direto, entre outras. Muitas vezes a resistência constitui-se em territórios e territorialidades, ainda que muitas vezes se dê em uma territorialidade precária (HAESBART, 2004), como tem sido muitas vezes com os povos indígenas, em especial o povo Guarani Mbya do Pico do Jaraguá, representados pelo grupo Oz Guarani. Vale lembrar que a resistência se dá não por se fechar em um território, mas, sim, por envolver, acionar e acessar múltiplos territórios, buscando caminhos para resistir e libertar.

Mc Jeferson Xondaro, ao falar do início, em 2014, dos Oz Guranis, afirma que o Rap foi esse caminho de dar visibilidade à resistência e à realidade da comunidade:

Tivemos a ideia de fazer um rap falando de resistência indígena, do cotidiano nosso. A gente sabe que o rap não é uma moda. Acreditamos que o rap é um protesto e uma chance de você relatar todos os seus problemas. O rap é uma oportunidade de se soltar mesmo. Foi uma libertação para nós, [...] a gente não tem uma produção grande, somos independentes e corremos atrás das coisas. Mas a vida indígena é conhecida pela sua capacidade de luta e resistência. Foi através da arte que a gente conseguiu enxergar outro caminho. A partir disso percebemos que estávamos representando a nossa comunidade e as nossas crianças através da música. A nossa voz no rap é muito importante para que a sociedade possa entender o que a gente está passando. (Depoimento dado para o Portal Desacato, em 11 de agosto de 2019)

Mc Mirindju, integrante do Oz Guarani complementa dizendo do propósito e foco das canções:

Nosso foco é a luta pela demarcação de terras indígenas. Nosso rap tem o objetivo de levar nossa luta, mostrar e falar a verdade. Dentro da arte a gente denuncia as coisas que a população não-indígena vem fazendo, as invasões nos territórios indígenas, os ataques. A gente não precisava estar passando por isso, mas infelizmente é o que está acontecendo, é essa a realidade, o sistema atacando. Os governos não querem saber.

Para Proust (1997), a resistência se expressa em um misto de conservação e invenção, se manifesta como a resposta a uma situação, para os povos indígenas, a resistência se apresenta de diferentes formas, uma delas é através do uso e apropriação do espaço-território como fruto direto da sua cultura, que se materializa em seus rituais e na persistência da leitura de mundo, que através de seus mitos dão a forma para compreender a relação dos Guaranis com o mundo,

resistindo às formas de apropriação privada da terra. Devemos ressaltar que a resistência indígena nas cidades, mesmo com uma legislação que não garante seus direitos, se revela em estratégias diferenciadas, questionando a tendência da homogeneização imposta pela lógica capitalista que manifestada no território busca destruir as particularidades ou outras formas que a contrapõem. No trecho da canção “Contra a PEC 215”⁶ os Oz guarani deixam claro sua realidade e denunciam a necessidade da urgente demarcação do território que até hoje é a menor terra indígena do Brasil.

Oz Guarani chegou chegando com a flecha engatilhada
Pra mandar essa mensagem, não é ideia errada
Eu vou falar minha verdade que você não quis ouvir
Agora para e me escuta, chegou Oz Guarani
A nossa terra não nos suja, o que nos suja é seu papel
Suas lei e vaidade, o seu ódio cruel
Crianças quer crescer, os jovens querem viver
E a nossa natureza estão matando, então, por que?
Hei, nego, hei, nega
Chegou Oz Guarani com vocês pra somar
Hei, nego, hei, nega
Contra a PEC Oz Guarani
Pode crer, é nós que tá
Então, demarquem nossas terras e entende a nossa luta
Seu dinheiro vale nada, não me trata como puta
Na cidade, escorre o sangue do meu povo assassinado
A Europa ficou rica desse ouro saqueado
Na lembrança, vem o pico do meu povo escravizado
Por um velho sardinha, que devia tá enlatado
Nessa história mentirosa, que não foi nosso passado
Violenta e truculenta, nós não tinha aliados.

Neste sentido, o território incorpora uma dimensão política, econômica e cultural, ligada ao modo pelo qual as pessoas utilizam a terra e o espaço. A territorialidade como componente de poder não é apenas um meio para criar a ordem, mas uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico; e por ele, experimentamos o mundo e o dotamos de significado (SACK, 1986, p. 219). Sendo assim, para os jovens do grupo Oz Guarani a terra guarda o sentido de pertencimento, cujo conteúdo está ligado a uma parte integrante do próprio corpo indígena, expressa na relação sociedade e natureza, fundamentalmente em sua cultura, tornando-se algo sagrado, de apropriação comunitária, e tem como seu único dono a divindade que os criou (Nhanderu) (FARIA, 2015, p. 19). O modo de se relacionar com a natureza está ligado intrinsecamente e fundamentalmente com a sua preservação e conservação, não separando a vida

6 RAP OZ GUARANI- CONTRA A PEC 215. Video clip publicado em 14 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hyyBB_xf3jo>. Acesso em: 20 de novembro de 2023.

destes indígenas com a vida da natureza, porque dela provem sua vida física e espiritual. Nessa relação da natureza e com o território como importante meio de preservação da sobrevivência física e cultural, temos o território como espaço de preservação da memória e cultura coletiva do grupo, neste caso os Guarani.

Outra perspectiva da resistência é que ela se torna inseparável da existência; com base nisso se compreende o processo de resistência dos Guarani na cidade de São Paulo ao longo do último século, na acepção de sobrevivência ao processo de expropriação de suas terras e a não garantia jurídica de suas terras e direitos. Não basta que os indígenas tenham sobrevivido, mas que mantenham sua existência como indígenas em suas terras, orientados pela sua cultura e pelo modo de organizar e viver em seu território. Na canção “Índio é forte”⁷ os Guarani nos ajudam a visualizar através do rap a reafirmação de sua identidade que resiste, reafirmando sua cultura também através da língua guarani presente na canção:

Os mano firmeza já vêm chegando
 Salve, salve, no corre, na correria
 Pode pá, é nós que tá
 Pode crer, estamos aqui no ar
Representando no Rap
 O dia a dia de batalha do índio guerreiro
 Atrás da paz, verdade, anhete [verdade]
 Com a fé de Deus na mente
 M'Bya kuery [O indígena] não desiste
Direto da Aldeia Jaraguá
 Na resposta pra somá
 A nossa voz está no ar
 Aqui mais um rapaz, humilde sobrevivente,
 Eu manjo mesmo no som, a minha rima está aqui
 No meu rap eu vou seguindo meu caminho
 Até o fim, muitas vezes já cáí
 Meus parceiros me levantam, me levanto e mais forte fico
 Assim que é truta, no mundão a batalha é que não falta
 O meu coração bate forte na missão de conseguir
 demarcação
 Pois então, eu num quero desandar
 Acredito no que sou, em cima vou rimando, vou gritando
 Chega de corrupção
 Xondaros [guerreiros], guerreiros, herdeiros da aldeia, sou
 índio Guarani
 Eu rimo e vou mandando em Guarani, escuta aí:

7 O ÍNDIO É FORTE. YouTube: vídeo clipe do grupo Oz guarani, publicado em 11 de setembro de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iXIpDa28HQU&feature=youtu.be>>. Acesso em: 20 de novembro de 2023.

*Kunimin Gué Kunha Taingué kyri guei Py tu nhavó
jerekoike
[os jovens e as crianças toda noite entram na casa de reza]
Opy ojerojy mborai omonhendu tataxinare ko haxy'i
Pavé hapotei omombey
[Fazem sua dança e pedem força para todos os parentes]
O índio é forte e sobrevive jogado à própria sorte*

É evidente que a relação do grupo Oz Guarani com o Rap fez surgir um modo muito sensível e contextualizado de mostrar para a os não indígenas o contexto em que vivem e reafirmar sua cultura, como ressalta Fernandes:

As características específicas do rap enquanto estilo musical, a exemplo de seu rendimento político, a luta pela demarcação, a denúncia da realidade que não é veiculada na mídia. Essa representação de si e de um povo traz os versos em Guarani, na voz de jovens guerreiros. Por mais que tenhamos identificado um discurso positivo e um negativo, a consonância entre eles é o fundamental, é a resistência desses jovens e a forma deles se relacionarem com os universos ao seu entorno que torna este rap uma poética de resistência. (FERNANDES, 2018, p. 26)

Neste sentido, o grupo Oz guarani, fazendo parte de um circuito até então não praticado pelos povos indígenas, constrói um movimento de resistência que forma uma representação poética e política, que caminha entre duas culturas diferentes e atualiza constantemente a mensagem dos Guarani Mbya. Entender o rap como uma arte de resistência faz com que o discurso seja adaptado para que além da rítmica e da poesia, ele também seja um caminho de autoafirmação. Do mesmo modo que o discurso se dirige aos jovens guaranis e aos próprios parentes, levando fortalecimento e reafirmação da luta indígena. O discurso negativo traz a denúncia da realidade que afeta o povo, levando à mídia de forma clara o que ocorre nos processos de demarcação, a questão do suicídio dos jovens, a mortalidade infantil, o descaso dos órgãos públicos com a causa e a luta que ultrapassa os muros da aldeia e perpassando nas esferas estatais, civis e legais (FERNANDES, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhando para estes cenários que se apresentam, devemos também olhar para tantos processos de resistência e de luta que os povos indígenas vêm protagonizando em conjunto com outros movimentos, ocupando as ruas, os espaços públicos, promovendo discussões, pautando suas lutas e sua cultura nas redes sociais e em outros espaços virtuais e também no ato da defesa intransigente de seus territórios, defendendo um outro modo de viver e de olhar para os espaços urbanos, acima de tudo para periferias de uma grande Metrópole como a cidade de São Paulo.

No entanto, é diante dos conflitos e das resistências entre lógicas diferenciadas e imensa desigualdade e injustiças, que os indígenas vão resistindo através de inúmeras ferramentas e

estratégias, compondo parte dos conteúdos da periferia da metrópole, o que revela que ela (periferia) não é homogênea, apesar da imensa luta por dignidade e garantia de direitos, ela também é berço de nascimento de diversas culturas. E é por essa razão que este trabalho se apresenta como um convite para pensar as inúmeras formas de resistir e de se autoafirmar, tendo como protagonista os e as jovens, sobretudo indígenas, que através da arte manifestam seu modo de ser, estar e viver no mundo. O Grupo Oz Guarani traz em sua mensagem o grito, a luta e a vida de um povo que através do tempo vem se fazendo resistência e construindo possibilidades de um outro mundo possível.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: ABRAMO, H. W.; LEÓN, O. D. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005. cap. 2, p. 20-35.
- BENJAMIN, Walter (1987). *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense [3ª ed.; 1.ª ed. 1985].
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 21 ed. Trad. Ephaim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FARIA, Camila Salles. *A luta guarani pela terra na metrópole paulista: Contradições entre propriedade privada capitalista e a apropriação indígena*. São Paulo, 2015.
- FERNANDES, Lais Silvestre. *Oz Guarani: poética de resistência política*. 2018.
- GROPPO, L. A. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000, p. 7-25.
- GUIRAU, Kárine Michelle ; LOURENÇÃO, A. M. R. ; SILVA, Carolina Rocha, A São Paulo dos Índios. In: *A cidade como local de afirmação dos direitos indígenas*, 2013, São Paulo.
- HAESBART, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. - *População residente, total e indígena, por localização do domicílio e quesito de declaração indígena nos Censos Demográficos - Primeiros Resultados do Universo*. 2023.
- LEFEBVRE, Henry. *O direito a cidade*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Moraes, 1991.
- MONTEIRO, John Manuel. *Negros da Terra: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NOVAES, R. *Juventude e Sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas*. Revista Sociologia Especial, Ciência e Vida, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 6-15, 2007
- PROUST, Françoise. *De la résistance*. Paris: Les Édition de Cerf, 1997.

Artigo Submetido em 30.09.2025 e aprovado em 02.11.2025.

Robson da Silva Oliveira é graduado em História (UNIVAP), Doutorando em História (UFPB), Mestre em Planejamento Urbano e Regional, Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), Pós-Graduando em Juventude no Mundo Contemporâneo, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE).

E-mail: robs_pjsjc@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0239-9233>

Endereço: R. Dra. Maria de Lourdes Albuquerque, 23, Bl. A Ap. 208 - Mangabeira I, João Pessoa - PB, 58056-150

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores:

Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira (UFRGS)

Dra. Symaira Poliana (UFMG)

Dr. Flávio Munhoz Sofiati (UFG)

Me. Joilson Toledo (UERJ)

Dr. Mateo Ortiz (Pontifícia Universidade Javeriana/Colômbia)

Dr. Nilson Weisheimer (UFRB)

Dr. Sebastião Everton de Oliveira (FAJE)

Dra. Martha Gutiérrez (Pontifícia Universidade Javeriana/Colômbia)